

Diferente e igual é o que sou

A discriminação já foi “membro” do corpo social, agora se trata de um câncer difícil de curar. Diversas são as consequências dessa “doença”, com destaque especial a exclusão, restrição e anulação do reconhecimento da figura feminina. Rebaixada e desvalorizada, a situação se agrava se a mulher for negra. Torna-a descartável, uma pária da sociedade. Se a mulher for lésbica – ou pior, lésbica e negra – os ataques a sua integridade ganham novo nível, partindo para lesões físicas ou estupro, justificados por uma filosofia anacrônica que transcende a lógica e governa indiretamente as ações dos membros masculinos de nossa sociedade.

É perceptível as mudanças em relação às mulheres nas últimas décadas. De uma simples dona de casa, elas vêm mostrando serem muito mais do que este rótulo imposto pela sociedade, passando a exercer novos papéis em diversos setores como empreendedora, mecânica, médica, agricultora, etc., mas apenas mostrar que é capaz não foi o suficiente para aplacar séculos de crenças a respeito da mulher. Muitos homens não aceitam que suas esposas trabalhem, sendo obrigadas a deixarem o trabalho por seus maridos. E quando não é por causa do companheiro, são os próprios colegas de trabalho que as criticam, falando que não deveriam estar ali, que deveriam estar se preocupando com os filhos ou que se encaixa mais no setor de humanas em vez das exatas. A conselheira do Mulheres na Tecnologia e desenvolvedora de softwares Márcia Santos comenta sobre o preconceito que ela já recebeu no trabalho: “Eu trabalho com desenvolvimento de softwares e minha equipe é praticamente só de homens. Só tem eu e mais uma mulher, a coordenadora da equipe. São seis homens e duas mulheres. Eu sempre escuto alguma coisa se faço um comentário, por exemplo, porque estou empolgada com o fato de que um sistema que não estava funcionando ter começado a rodar. Eu me empolgo e os homens me olham achando que eu estou exagerando, dizendo que é coisa de mulher. Qualquer coisa que eu falo dá margem para brincadeiras do tipo “vai lavar roupa”. Tudo que falam tem como pano de fundo me mandar para casa fazer tarefas domésticas.”

Outra coisa interessante no ambiente de trabalho, é que as mulheres precisam constantemente provar que é capaz, muito mais do que o homem. Márcia Santos afirmou, também, que mesmo a mulher tendo uma capacitação profissional mais elevada do que o homem, como pós-graduação, ela ainda ganha menos do que um homem que tem apenas nível técnico. Outra prova que mostra como a mulher sempre

esta em segundo plano, foi a pesquisa realizada pela empresa de recrutamento Michael Page, dizendo que, hoje, 72% dos contratos para cargos de média e alta gerência ainda são dos homens.

Além de todas as desvantagens sofridas por simplesmente ser mulher, também ser negro diminui muito as chances de arranjar um bom emprego. Mulheres negras geralmente apresentam nível de escolaridade menor do que as outras mulheres, tendo que trabalhar mais para receber apenas um rendimento inferior. De acordo com estudos da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), o chefe de família não-negro recebe um salário médio mensal de R\$ 1.236, seguido pela mulher não-negra, que recebe em média R\$ 765. Já o rendimento médio do homem negro é de R\$ 639. O valor pago às mulheres negras é ainda mais baixo, de apenas R\$ 412. Esses dados mostram o quanto é difícil para a mulher negra se manter, tendo que trabalhar quase o dobro para receber o mesmo valor que uma mulher não-negra.

Ainda convém lembrar que raramente se vê mulheres negras trabalhando como vendedora no shopping, como médica ou no banco de rede privada, mostrando como o racismo faz com que essas mulheres procurem outros empregos, já que se procurassem os mesmos não seriam contratadas. São poucas as que conseguem passar por essas barreiras, e as que conseguem dificilmente arranjam algum companheiro matrimonial e várias delas abdicam do lazer e do desejo de ser mãe para permanecer no trabalho adquirido com muito esforço, já que elas sempre têm que lidar com o preconceito, discriminação e racismo, fora o fato que precisam constantemente comprovar suas capacidades.

Uma mulher que não se importou com a discriminação imposta pela sociedade foi Chiquinha Gonzaga (Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1847 — 28 de fevereiro de 1935). Ela era mestiça, filha de pai branco com uma mãe negra, teve uma ótima educação, aprendendo a ler e a escrever, falar outros idiomas, e também aprendeu o que viera a se tornar a suas grandes paixões, música e piano. Como costume, o casamento foi planejado por seu pai, casando-se com Jacinto Ribeiro do Amaral, o qual era contra aos “caprichos” dela. Viviam em constante conflito porque ele queria que ela fosse submissa, sempre aceitando suas ordens. Acabaram se separando e ela ficou com apenas um dos seus três filhos, pois os outros dois foram morar com seus parentes. Desde então ela começou sua carreira musical, mesmo não tendo quase nenhuma mulher que

seguisse a mesma carreira, principalmente por não ser aceitável na época. Compôs partituras para peças teatrais, operetas e revistas com relativo sucesso, e ao longo de sua vida se tornou a primeira pianista de choro do Brasil, também foi autora da primeira marchinha carnavalesca e a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil.

Outra grande mulher, que não aceitava ficar quieta, aceitando as decisões alheias era Nzinga Mbandi Ngola, a rainha Ginga (1581 - 1663). Antes dela nascer, os portugueses invadiram o território de sua família, buscando escravos para comercio. O rei Ngola Kiluanji, pai de Nzinga veio resistindo a ocupação do território africano por um longo tempo, passando seu reinado para seu filho, Ngola Mbandi. Este tentou impedir, como seu pai, que seu território fosse ocupado, e foi nesse período que a sua irmã, Nzinga, ajudou com as negociações com os portugueses, dando algumas terras em troca de converter Nzinga ao cristianismo, passando a se chamar então, Ana de Sousa. Porém, eles não cumpriram com o tratado de paz, criando uma situação de desordem no reino de Ngola.

Diante dessa grave situação e da hesitação do seu irmão, Nzinga mandou assassinar seu irmão para assumir o poder e o comando da resistência à ocupação das terras de Ngola e Matamba. Sem conseguir paz com os seus inimigos, abdicou da fé católica, aliando-se aos guerreiros jagas de Oeste, fundando o modelo de resistência e de guerra que constituía o quilombo. Arditamente, ela conseguiu fazer a coligação com os estados da Matamba, Ndongo, Congo, Kassanje, Dembos e Kissama, comandando a resistência à ocupação e ao trafico de escravos no seu reino por cerca de 40 anos, usando táticas de guerrilha e de ataques às colônias portuguesas, incluindo pagamentos com escravos e trocas de reféns. Em 1656, Nzinga assinou um tratado com o governador geral, que incluiu a libertação de sua irmã Cambu, que havia sido convertida como Dona Bárbara e retida em Luanda por cerca de dez anos pelos portugueses. Também renunciou aos territórios de Ngola, voltando uma paz relativa ao reino de Matamba até a sua morte.

Percebemos que mesmo vivendo em situações diferentes, essas mulheres demonstraram serem inteligentes e indomáveis, buscando atingir suas metas mesmo tendo tantos obstáculos em sua frente. Foi a partir de sentimentos semelhantes que surgiu o feminismo e o desejo de igualdade, estimulando as pessoas a fazerem uma reavaliação de suas crenças, para as pessoas entenderem que as mulheres têm as mesmas capacidades e podem fazer qualquer coisa. Elas não querem ser superiores aos homens,

apenas desejam os mesmos direitos que eles recebem. Portanto, a igualdade de gênero pode mudar a sociedade, moldando as instituições, mercados e as normas sociais, fazendo-os dar oportunidades para todos, independente do gênero, raça, etnia, etc.

Autora: Daniela Novaes Xavier Moraes